

Ricardo Cravo Albin

Caymmi, aos 110 anos em 2024

Costuma-se dizer por aqui – neste país tão habitualmente injusto ou até desmemoriado em relação aos brasileiros ilustres – que as homenagens só chegam – quando chegam – depois que as pessoas que as merecem já estão esquecidas desde muito.

E mesmo assim, nem sempre. O país dá-se ao desperdício – para não dizer desplane – de abandonar filhos fundamentais ainda no velório. Nunca posso esquecer de uma frase ácida (mas verdadeira, já se verá) que o saudoso Paschoal Carlos Magno – aliás, também já agora vítima da amnésia nacional – repetia todas as vezes que me visitava no Museu da Imagem e do Som: “Pior, meu caro, que ter que morrer é o Brasil te matar de novo, esquecendo a memória dos notáveis com uma sem-cerimônia de vândalo predador”. Numa das vezes em que Paschoal repetia suas sábias considerações sobre a fragilidade da nossa amnésia memorial a tudo ouviu o poeta Nelson Cavaquinho, que tinha ido ao MIS me mostrar o seu último samba e pedir emprestado algum dinheiro. Uma semana depois o bardo da Mangueira chegava à minha sala e entoava o samba “Homenagem”, em que se apressava a clamar: “Sei que ao morrer/ os meus amigos vão dizer/que

eu tinha um bom coração”. Para concluir: “Mas se quiser fazer por mim (alguma homenagem)/Que faça agora(e não morto)”.

Todo esse preambulo – que já se alonga mais que queria – para dizer que nem tudo sempre ficou perdido no Brasil. Recordo-me que a ECT saiu-se à frente, já há alguns anos, quando homenageou os oitenta anos de Dorival Caymmi, ainda em pleno viço, com um selo portando sua imagem. Uma alegria justa para o ilustre baiano. E para todos nós brasileiros que reclamamos e nos afligimos com o silêncio imposto pelas autoridades a quem constrói, dignifica e preserva o belo e o bom que há no Brasil.

Na verdade, homenagear um vulto do porte de Caymmi é consagrar o poder de síntese do gênio brasileiro.

A compreensão do que possa vir a ser a palavra síntese, no seu exato sentido etimológico, filosófico e até sacro, é exercício duríssimo para as cabecinhas cheias de caraminholas de qualquer adolescente.

Eu me lembro que foi o poeta Manuel Bandeira – ao lado de quem eu viajava pontualmente, da década de 50, a cada segunda-feira, oito da manhã, no bonde Laranjeiras, direção Tabuleiro

da Baiana – o único que me fez entender com clareza e simplicidade o significado mais opulento da palavra.

Ali mesmo no bonde número dois, formal no seu largo terço de burro-quando-foge, mas paciente e paternal, o poeta respondeu à indagação quase impertinente do adolescente falatrão, metido no dólmã do Colégio Pedro II, internato: “Meu filho, você já deve ter ouvido este novo samba de Caymmi que todo mundo está cantando, ‘Maracangalha’. Pois bem, preste atenção aos versos e observe que o lugar Maracangalha não é senão a síntese mais perfeita da felicidade, do paraíso, tal como eu tentei sentir na minha Passárgada. Portanto, meu rapaz, síntese é a abreviação final da arte de sentir alguma coisa. Observe igualmente que a música do Caymmi é também assim, é síntese...”

A partir daí, comecei a observar em minúcias a obra de Caymmi, cujo trabalho de síntese reflete como pouquíssimas outras a beleza e a simplicidade da música brasileira.

E se bem que o poeta Bandeira não me tivesse explicitado a simplicidade que perpassa por toda a coleção de canções do nosso menestrel baiano, logo conec-

tei o conceito de síntese ao conceito de simplicidade de sentir, de fazer, de se expressar.

Caymmi, por sinal, sempre foi de uma simplicidade exemplar que comoveu e enterneceu em todos os níveis. Suas letras são quase sempre curtas e despojadas de brilharecos, de fulgores, de preciosismos poéticos. Pelo contrário, a poesia de Caymmi é exata, enxuta, franciscana. Ele me parece – se o leitor me perdoar a comparação – um poeta do despojamento, fincado muito mais no comentário corriqueiro do cotidiano de um Manuel Bandeira, digamos, do que na grandiloquência de um Castro Alves, tão baiana, tão exaltada, tão barroca.

De qualquer modo, ninguém mais baiano que Caymmi na arte de viver, na sabedoria de captar a beleza, saboreando os pequenos e os grandes prazeres, gole a gole. Desse mesmo modo, ele sempre burilou e esculpiu as letras de suas canções. Com vagar e apetência.

Agora, porque cabe o registro de que Caymmi completa, neste 2024, 110 anos de nascido, tenho a necessidade de celebrar sua queridíssima memória. E ninguém, sequer uma nota, registrou qualquer afago ao inestimável Dorival Caymmi em seus 110 anos de aniversário.

Jolivaldo Freitas*

666: será a hora da Besta?

O número 666 é amplamente conhecido como o “número da besta”, principalmente devido à sua menção no livro do Apocalipse da Bíblia, especificamente no capítulo 13, versículo 18, que diz: “Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Seu número é seiscentos e sessenta e seis”. Essa cifra se consolidou como um símbolo das forças malignas, difundindo-se bastante na cultura popular, especialmente através de filmes, música e literatura.

Historicamente, o número 666 foi associado ao imperador romano Nero. Durante a perseguição aos cristãos, havia a prática comum de codificar nomes usando números, principalmente em alfabetos como o hebraico e o grego. Somando-se os valores numéricos das letras que compõem o nome de Nero em hebraico, che-

ga-se ao número 666. Nero é lembrado como um dos mais implacáveis perseguidores dos cristãos, sobretudo após o grande incêndio de Roma em 64 d.C., o que reforçou a ligação dele com o “número da besta” nessa interpretação.

No que diz respeito à situação atual no Oriente Médio, os conflitos entre Israel e grupos como Hamas e Hezbollah continuam a gerar tensões. A reivindicação de Israel sobre o território é fundamentada tanto em promessas bíblicas (teria sido Deus quem diretamente passou as escrituras dando as terras) quanto em fatos históricos, como a criação do Estado de Israel em 1948, após o fim da diáspora judaica – um exílio e dispersão do povo judeu que durou séculos. No entanto, essa reivindicação é contestada por muitos países e grupos na região, alimentando uma constante de conflitos.

A guerra no Oriente Médio, especialmente entre israelenses e árabes, parece ser uma constante permanente na história, marcada por divergências religiosas, políticas e territoriais. Alguns enxergam esses eventos como parte de uma narrativa profética, enquanto outros os veem como resultado de complexas questões geopolíticas. A ideia de que esses conflitos são o cumprimento de profecias é defendida por algumas pessoas, mas não é um consenso entre estudiosos e especialistas.

Na cultura atual, produções como a série “Kaos” da Netflix exploram temas mitológicos e religiosos, onde figuras divinas, como Zeus, expressam frustrações com a humanidade. Embora seja uma obra de ficção, reflete a tendência humana de interpretar eventos caóticos como sinais de forças superiores, sejam elas di-

vinas ou proféticas. Zeus está de saco cheio quer mandar os humanos, suas criações, para o quinto dos infernos. Mas nem Hades pensa assim, imagine.

A ressurreição da associação ao número 666 no cenário atual pode ser uma forma de expressar medos e ansiedades sobre o futuro, especialmente em tempos de guerra e incerteza. Contudo, conforme mencionado nos textos religiosos, o controle do destino humano, de acordo com a visão cristã, está nas mãos de Deus, e não dos homens, o que aliás é uma frase que teria sido dita por Jesus. Mas, pelo que parece, Deus está somente olhando, de longe, que besta não é.

***Romancista e jornalista. Autor de “Histórias da Bahia – Jeito Baiano” e “Baianidade”, dentre outros**

Barros Miranda*

Os 75 anos da República Popular da China

O dia 1º de outubro de 1949 entrou para a história do mundo como aquele em que a China tornou-se uma grande aliada da então União Soviética. Não respeitando, mas sim baseando-se nos ideais de Marx e Engels, somados com os de Lênin e Stalin, Mao Tse-Tung funda a República Popular da China, fazendo a grande potência asiática um território socialista.

Passados 75 anos desse ato, muita coisa mudou aos parâmetros de Mao, que deve estar se revirando do túmulo, diante do grande boom capitalista que o país virou. A abertura da economia, aliás, foi o principal fator que fez a China não ser propriamente uma república aos moldes do comunismo. Seu governo é de um único partido, mas a sua eco-

nomia é aberta para todos, o que a fez virar uma grande potência que é hoje.

Quantos produtos “Made in China” nós temos? Seja de roupas a eletrodomésticos e agora carros, tudo vem sendo distribuído pelas indústrias chinesas ou pelas grandes marcas que se instalaram neste país.

O Dragão chinês explodiu e

fez das artes macias sua principal aventura em terras antes inimagináveis. Perto de ser a principal potência do mundo, a China celebra, neste 2024, um aniversário que fez ela criar seu maior calcanhar de Aquiles: Taiwan ou Ilah Formosa, a China democrata, que luta pela sua independência concreta.

***Historiador e Jornalista**

EDITORIAL

Outubro Rosa visível para todos

Outubro é conhecido como o mês de uma das principais campanhas de saúde do país: outubro rosa, de conscientização e prevenção ao câncer de mama. A campanha de saúde é de extrema importância, já que é o tipo de câncer que mais mata mulheres no Brasil, totalizando 16,1% do total de óbitos por câncer no país. Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), somente para 2024 foram estimados 73.610 novos casos da doença, com um risco de 66,54 casos a cada 100 mil mulheres. Os exames de prevenção são ainda mais importantes para mulheres que tenham histórico de câncer de mama na família.

Com um quadro grave de casos, todo ano as secretarias de saúde anunciam medidas voltadas para mulheres para prevenção ao câncer de mama. Neste, a do Distrito Federal anunciou a inauguração da Sala da Mulher, um espaço voltado para cirurgias oncológicas de cânceres que afetam principalmente as mulheres, como o de mama e o de colo de útero.

Mas além de mulheres, a prevenção vale para todos. Apesar de ser considerado raro, o câncer de mama também pode englobar homens. Proporcionalmente, o Inca estima apenas 1% de casos de câncer de mama em homens. Mas, na ponta de lápis, considerando os dados de 2020 do Ministério da Saúde, foram 207 homens que perderam a vida para o

câncer de mama. Não é porque as chances são baixas que elas são nulas, o que demanda atenção para exames de prevenção que acabam sendo negligenciados.

Outro grupo invisibilizado mas que precisa se preocupar ainda mais nos exames de prevenção são homens transsexuais. Mesmo pessoas que já tenham realizado a cirurgia de mastectomia – cirurgia que retira totalmente ou parcialmente as mamas, o que inclui as glândulas mamárias – isso não anula as chances de se ter um câncer do tipo. Não é à toa que as principais orientação de médicos são consultas periódicas quando há risco genético identificado para homens trans que retiraram as mamas.

E além de seres humanos, quem tem animal de estimação também tem que levar seus bichinhos para exames de prevenção, antes que possa ser tarde. Neste sábado (5), logo no início do mês, alunos e professores da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília (UnB) realizam um evento no Parque da Cidade para a conscientização à prevenção e ao diagnóstico precoce de tumores de mama em cães e gatos.

Outro exemplo de que as campanhas vão além dos governos, no Rio, recentemente, a Fecomércio-RJ, através do SESC, também oferecerá em nove unidades do estado, neste mês de outubro, exames nas mulheres.

Para comemorar e observar os frutos

O crescimento de 5,6% no número de estudantes matriculados no ensino superior brasileiro em 2023, em comparação com o ano anterior, é um marco importante que reflete transformações no acesso à educação. Com 9,9 milhões de alunos registrados, o país alcança o maior número de universitários dos últimos nove anos, mostrando o fortalecimento da busca por formação acadêmica, essencial para o desenvolvimento social e econômico.

O aumento das matrículas nos cursos de Educação a Distância (EAD), que já representam 49% do total, revela uma tendência que não pode ser ignorada. Com 4,9 milhões de estudantes na modalidade EAD, o Brasil está prestes a ver esses cursos superarem as matrículas presenciais, evidenciando uma mudança profunda nas preferências e necessidades dos estudantes. A diferença entre as duas modali-

dades é de apenas 150.220 matrículas, e, conforme projeções do INEP, a EAD deve ultrapassar o ensino presencial em breve.

Esse crescimento na educação superior, impulsionado pela flexibilidade oferecida pelo EAD, é positivo para democratizar o ensino. Permite que estudantes de diferentes regiões do Brasil, especialmente os que enfrentam barreiras de deslocamento ou precisam conciliar trabalho e estudo, tenham acesso ao ensino de qualidade.

No entanto, é fundamental que esse crescimento seja acompanhado de políticas públicas que assegurem a qualidade tanto do ensino presencial quanto do EAD. A expansão das universidades e faculdades deve ir além dos números, garantindo que o aumento das matrículas se traduza em uma educação sólida, capaz de formar profissionais para o mercado de trabalho.

Opinião do leitor

Ipês em Brasília

A chegada dos ipês coloridos deixa Brasília ainda mais bela, alegre, amorosa e cativante. O ipê branco abraça a alma. O amarelo encanta corações. O roxo alimenta esperanças. O ipê lilás exorta a paz. Os pés de ipês são recheados de dignidade.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO SUL FLUMINENSE NA HISTÓRIA

Divulgação



Miguel Pereira

TERRITÓRIO DE VASSOURAS

Miguel Pereira nasceu em 1871, no estado de São Paulo, numa fazenda junto à Serra da Bocaina. Formou-se em Letras no Rio de Janeiro e também em Medicina, anos depois. Se tornou presidente da Academia Nacional de Medicina, destacando-se pela campanha de saneamento do Brasil e por falar sobre os males crônicos que atin-

giam populações rurais. Miguel, que gostava do ambiente rural, comprou terras na estação de Estiva, então território vassourense. Para ele, o clima da região era “o melhor do mundo”, e o sítio era utilizado por ele em temporadas de descanso. Em maio de 1918, decidiu se mudar definitivamente para a propriedade, após adoecer gravemente. Miguel Perei-

ra morreu em 23 de dezembro do mesmo ano, deixando a filha Lúcia Miguel Pereira, que veio a se tornar uma figura importante da literatura brasileira. Para homenagear o médico, a estação passou a se chamar Miguel Pereira. Anos depois, o local foi emancipado de Vassouras, passando a constituir o município de Miguel Pereira.

Correio Sul Fluminense

Uma publicação do Correio da Manhã

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)
comercial.grupocorreiodamanha@gmail.com
Bruno Portella (Diretor)
Rodrigo Magnavita (Diretor)

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Sonia Paes (editora), Luana Motta, Pedro Sobreiro, Rafael Lima e equipe TVC

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)
Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

WhatsApp: (21) 97948-0452

Volta Redonda: Av. Paulo de Frontin, 590 - sala 1306 - CEP 27213-270

Bairro Atterrado - Volta Redonda - RJ

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
CEP: 22775-057

www.correiosulfluminense.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.